

A NARRATIVA DE *MEMÓRIAS DE PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

THE NARRATIVE OF *MEMÓRIAS DE PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Aline de Assis Rodrigues Amaral Muniz¹ (UniEvangélica)

Resumo: O presente trabalho visa discorrer sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra inaugural da literatura realista no Brasil, identificando os pontos principais da sua escrita, a crítica machadiana à sociedade da época, a ironia e a melancolia, bem como a forma inusitada que o livro foi escrito. É indubitável o lugar especial e honroso que as obras de Machado de Assis ocupam na literatura brasileira, elas são clássicos e leituras obrigatórias nas escolas.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Realismo. Narrador.

Abstract: *This paper aims to discuss about “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, the inaugural work of the realist literature in Brazil, identifying the main points of his writing, the Machadian critique of the society of the time, the irony and the melancholy, and the unusual way the book was written. There is no doubt the special and honorable place that Machado de Assis's works occupy in Brazilian literature, they are classics and must-read in schools.*

Keywords: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Realism. Narrator.

Introdução

As obras de Machado de Assis são clássicos da literatura brasileira, seus escritos abrangem poemas, contos, peças teatrais e romances, nos quais se incluem *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), sendo as duas últimas obras as mais conhecidas e aclamadas do autor.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é apontado como o marco do Realismo no país, sua escrita e os temas tratados representam uma mudança na literatura brasileira. Este trabalho visa discutir a abordagem inusitada trazida por Machado de Assis ao escrever esse romance, criando um personagem principal e narrador já falecido, um “defunto autor”,

¹ Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente no curso de Direito da UniEvangélica, Campus Ceres-GO, e Colégio Álvaro de Melo. E-mail: prof.alinemuniz@hotmail.com

inovando a ordem de apresentação da história e as ironias, parte consagrada da escrita machadiana, que revelam sutilmente as duras críticas aos privilégios da elite da época. Além disso, pretende-se discorrer sobre as características das escolas literária romântica e a realista, ambas presentes nas obras do referido escritor.

Assim, tem-se como objetivo principal entender a forma como Machado de Assis construiu sua crítica à sociedade em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os objetivos específicos são: entender as diferenças entre as escolas literárias do Romantismo e do Realismo, e refletir sobre a construção do enredo por meio de uma escrita inusitada, tendo como voz do texto alguém que já está morto e que conta os acontecimentos de sua vida após a morte.

1 Romantismo *versus* Realismo

Falar da obra de Machado de Assis, principalmente de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é falar da época em que a obra foi escrita, o período de tempo em que a história se passa e, no caso dessa obra em específico, falar do que ela significou para a literatura brasileira.

Machado de Assis, tendo vivido de 1839 a 1908, passou por duas fases e movimentos literários: o Romantismo, no qual iniciaram seus escritos; e o Realismo, o qual deu início em 1881 com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A escola literária do Romantismo esteve presente na literatura brasileira entre 1836 a 1881. Seu início se deu com a publicação em 1836 do livro de poesias *Suspiros poéticos e saudades*, de autoria de Gonçalves de Magalhães, e teve fim após a publicação das obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*.

No Brasil, o contexto histórico vivido pelos românticos é o após a independência e a crise do Segundo Reinado, com mudanças na organização social e suas crenças como, por exemplo, o sentimento do nacionalismo, a ascensão da burguesia ao poder e as lutas pela abolição da escravidão.

Interessante apontar que o nacionalismo dessa época é também um movimento contrário a tudo que vinha de Portugal, devido ao período conturbado que o país passou como reação ao governo autoritário de Dom Pedro I, a luta pelo trono português, a abolição da

escravatura, as regências e a maioria prematura de Pedro II.

É por tal contexto que Cademartori (1985, p. 41) reflete que como uma reação:

[...] contra qualquer tendência absolutista, o Romantismo valorizou os fatores locais, fazendo do nacionalismo um traço decisivo do estilo. Usado como afirmação da identidade nacional no processo de autonomia literária, correspondeu, no Brasil, no plano artístico, à nossa liberdade política. Com o Romantismo, o tema local ganha proeminência e cabe às descrições darem conta da exuberância da paisagem e da curiosidade e peculiaridade dos costumes do País.

Além de expressarem o recém-descoberto nacionalismo, as obras românticas traziam em seu enredo o predomínio do individualismo e dos sentimentos e do moralismo; das ideias de evasão ou escapismo, isto é, de fuga da realidade; a idealização do amor e da mulher; a liberdade criativa e pouca ou nenhuma importância com a forma e o predomínio da metáfora. Arnold Hauser (1968) vê o individualismo como um protesto contra uma ordem social em que o homem se aliena, cumprindo funções onde ele é anônimo. Nesse sentido, o protagonismo das emoções, o individualismo e o moralismo são meios para que a burguesia expresse sua independência cultural em relação à aristocracia (CADEMARTORI, 1985). O Romantismo no Brasil pode ser dividido em três gerações: a primeira geração de 1840 a 1850, marcada pela temática do índio e da pátria; a segunda, entre 1850 e 1860, abordava a morte e o mal do século, era individualista; a terceira, de 1860 a 1870, tratava de assuntos sociais, escrevendo sobre a abolição da escravidão e a República.

O Realismo no Brasil teve início em 1881, ano em que Machado de Assis publicou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o primeiro romance da literatura brasileira a ser considerado realista. O fim da escola realista é definido pela divisão tradicional da história da literatura brasileira como sendo 1893, isto, pois, neste ano, foram publicadas as obras *Missal* e *Broquéis*, ambos de Cruz e Sousa, sendo o marco inaugural do Simbolismo brasileiro. Contudo, como continuaram a serem escritas obras com a ótica realista, a data de fim do período realista pode ser entendida como 1902, com a publicação de *Canãa* (de Graça Aranha) e *Os Sertões* (de Euclides da Cunha) quando foi inaugurado o Pré-Modernismo.

Segundo Eça de Queirós:

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houve de mau na nossa sociedade (QUEIRÓS apud NICOLA, 1990, p. 115).

Em outras palavras, pode-se dizer que os autores do Realismo tinham uma visão de mundo diferente dos escritores do Romantismo. Para os realistas, a literatura servia como meio para representar a sociedade: como ela é, sem idealizações ou utopias, trazendo críticas ao que acontecia verdadeiramente, refletindo assim as profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais compreendidas entre 1850 e 1900.

Nesse sentido, Cademartori (1985, p. 44) expõe:

O cientificismo preponderante no pensamento, somado à industrialização progressiva e à vitória do capitalismo, cria o ambiente onde se deflagra o combate que se estenderá, por muito tempo, contra o sentimentalismo romântico, o tom confessional das obras, o convencionalismo da linguagem do Romantismo. A literatura produzida passa a apresentar as características das concepções em voga nesse período: busca a objetividade, crê na razão e preocupa-se com o social.

Mais uma vez, percebe-se o impacto que o momento histórico, as mudanças sociais e culturais, bem como o desenvolvimento da ciência têm na literatura. No Romantismo, houve a criação de personagens heróis, e também levou à idealização e ao escapismo. No Realismo, originou-se a ânsia por criticar a sociedade, por criar personagens que representassem a realidade, despidos das virtudes idolatradas, carregando toda a contradição da natureza humana. A burguesia era exaltada no Romantismo e ainda se encontrava ao lado do proletariado, já no Realismo a burguesia é o alvo das críticas, principalmente, após o despertar da consciência de classe do proletariado, impulsionada pelos escritos de Karl Marx (CADEMARTORI, 1985).

O Realismo é a escrita da verossimilhança. As personagens realistas não precisam apresentar características virtuosas, que as torne diferentes, nem heroínas, são o que são, seres humanos, dotados de todas as dificuldades e defeitos que as pessoas comuns possuem, algumas vezes com essas contradições muito mais acentuadas.

Mesmo não havendo lugar para a metafísica, busca-se uma verdade para além dos fatos, assim como valores morais e estéticos que caracterizarão essa literatura como sendo de ação moralizadora. A descrição minuciosa que o escritor realista busca fazer da realidade é atravessada pela preocupação moral de detectar os vícios da sociedade. Com esse intuito, as mazelas da sociedade burguesa, tão bem mascaradas pelo otimismo da narrativa romântica, vêm à cena, revelando distúrbios e conflitos inéditos ao leitor do período anterior. A narrativa romântica apresenta como vitorioso até mesmo o fracasso da sociedade no embate contra a realidade. Na narrativa realista, ao contrário, mesmo quando o herói atinge seus objetivos práticos, é apresentado como vencido para o leitor. No Realismo, por primeira vez, revela-se o conflito do herói com a ordem social burguesa (CADEMARTORI, 1985, p. 45).

Assim, a escrita realista tem preocupação com a verdade, atingida por meio da observação e da análise, seguindo no que couberem as ideias do pensamento científico; as personagens são tipificadas, caricaturas, especialmente, da vida daqueles sujeitos nas camadas altas da sociedade, demonstrando o interesse pela caracterização. A escrita em si é objetiva, com diálogos e um apreço pela descrição pormenorizada. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* traz, em seu enredo, todos esses detalhes realistas, mas, ao mesmo tempo, seguem além destes, visto que a escrita de Machado de Assis inaugura um estilo próprio, o estilo machadiano que será comentado a seguir.

2. O defunto autor e a ironia machadiana

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* conta a história de vida de Brás Cubas, único herdeiro da rica família Cubas, contada de maneira interessante pelo próprio Brás após seu óbito. O enredo gira em torno da sua vida amorosa e social, bem como das suas ideias levianas e frustrações. Contudo, a obra é muito mais do que a vida vazia e leviana de um filho da burguesia. A história chama a atenção pela forma como foi contada.

As experiências desse filho abastado da elite brasileira – seus amores, veleidades e frustrações – são o ponto de partida para uma crítica social explícita. Suas memórias ficcionais, escritas além-túmulo, traduzem aspectos do "real vivido", enfatizando a falência moral, as injustiças e os privilégios da elite brasileira do século XIX, personificada na figura de Brás (LEAL; ABREU, 2019, p. 1).

Machado de Assis consegue causar espanto desde a primeira página de *Memórias*

Póstumas, pois, ao escrever a dedicatória do livro, dedica-a não a uma pessoa importante para ele, mas a dedica a um verme, para ser mais exato, “ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu [Brás Cubas] cadáver”.

A inovação da obra já começa em sua dedicatória, que traz uma antecipação do que a obra promete abarcar. O narrador da obra, Brás Cubas, personagem principal, já está morto, por isso há a dedicatória mórbida ao verme que se alimentou de seu cadáver. Mas não só isso, além de morto, ele narra sua história do além, façanha esta que, segundo ele, seria muito complexa para ser explicada, importando somente saber que se trata de um defunto que só se tornou escritor após a morte, e não um escritor que morreu.

Não bastasse tratar de uma história contada por um defunto autor, cujas memórias foram escritas no outro mundo, o enredo foi contado pelo fim, de modo a diferir dos outros livros e possibilitar uma narrativa mais livre e singular. Os primeiros oito capítulos da obra contam sobre o período de tempo antes da morte de Brás Cubas, nos quais o defunto autor conta sobre o seu velório, a ideia fixa sobre desenvolver “um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica Humanidade”, a pneumonia e as visitas finais recebidas em seu leito de morte. O nono capítulo é uma pausa na narrativa para indicar que o defunto autor passaria a contar a história de acordo com a cronologia, ou seja, começa a contar a sua história a partir de seu nascimento.

Assim, como já dito, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é certamente uma obra inusitada. Todavia, pode-se dizer que o real ineditismo da obra não é o defunto autor e seu enredo desenvolvido do fim para o começo, mas sim a crítica à sociedade da época.

O leitor que não está atento é possível que não perceba as críticas e insinuações que preenchem toda a obra machadiana, já que sua análise da sociedade brasileira do século XIX foi feita de modo peculiar. Tal peculiaridade reside no modo como Machado de Assis utiliza-se da estratégia de ironia, para, assim, camuflar o que ele pretende transmitir por meio da história. Esse aspecto precisa ser analisado com acuidade, visto não deixar as ideias explícitas, mas “dissolvidas na estrutura do texto. Diante desse sistema de incógnitas, é preciso ter um olhar apurado para desvelar as situações que se mostram encobertas” (MOTTA, 2019).

Nesse contexto,

É na ordem da dissimulação que a ficção machadiana se configura. Nada está dado de antemão, é a partir de um jogo de disfarces que os seus escritos se constituem. As ideias colocadas, algumas vezes, podem não significar o que aparentemente mostram ser. John Gledson (1986) já nos alertava sobre o traço “enganoso” do realismo de Machado e destacava a necessidade de se “ler nas entrelinhas”. Com isso, observamos que não se pode buscar na superfície e na horizontalidade das linhas, a essência da obra machadiana. É necessário imergir em um contexto mais profundo para poder compreendê-la (MOTTA, 2019)

A escrita machadiana, em especial na construção de *Memórias Póstumas*, é feita de modo a precisar de uma leitura cuidadosa, entendendo o contexto histórico e social em que foi escrita, bem como a própria posição de Machado de Assis na sociedade da época. Seu pai era pardo e a mãe, imigrante açoriana, tendo ficado órfão em tenra idade, viveu muitos anos na camada baixa da sociedade, como proletário, só sendo realmente reconhecido ao passar a trabalhar no Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas. Por todas essas razões, é possível ao leitor compreender as críticas “veladas” trazidas pelo autor.

Uma das frases mais conhecidas do livro é uma das melhores expressões da forma como Machado de Assis constrói suas ideias. Trata-se do momento em que o defunto autor conta que Marcela, espanhola a quem acreditava amar, apenas o amou “durante quinze meses e onze contos de réis”. Nesse trecho, o escritor, mais uma vez, deixa subentendido que a donzela a quem Brás Cubas vinha cortejando e amando pelos últimos quinze meses é, em realidade, uma cortesã, uma meretriz de luxo. Assim, o jovem Brás Cubas amava Marcela que amava o dinheiro.

A narrativa de Brás Cubas ao tratar de Marcela é carregada de uma inocência pertencente aos amantes. Pelo modo como ele conta a história, é evidente sua desconfiança do comprometimento de Marcela com o relacionamento de ambos, mas, para continuar a viver aquela paixão, ele ignorava a desconfiança, preferindo crer na fantasia de um amor.

Nos capítulos da obra em que o defunto autor trata de seu caso com a espanhola, ele se endividou para comprar presentes e joias a fim de ficar a par e sobressair-se aos antigos amores de Marcela. Ela negava precisar dos presentes para acalentar o amor entre ambos, pura dissimulação.

Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

— Não lhe perdoo, se você fizer de mim essa triste ideia, concluiu ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me a si e fez um trejeito gracioso, um momo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. Vendera muita vez as aparências, mas a realidade, guardava-a para poucos (ASSIS, 2012, p. 47-48).

Essa passagem da obra deixa claro o quanto Marcela dissimulava não precisar de bens materiais para amar o jovem Cubas. quando, em realidade, só instigava a sua afeição por saber que este era filho de uma casa rica. Conquanto, em alguns momentos à frente desta passagem, a moça já deixa entrever que a relação entre ambos pouco durará:

— Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para te não molestar? Vem cá, *chiquito*, não sejas assim desconfiado comigo... Amei a outro; que importa, se acabou? **Um dia, quando nos separarmos...**

— Não digas isso! bradei eu.

— Tudo cessa! Um dia ...

Não pôde acabar; um soluço estrangulou-lhe a voz; estendeu as mãos, tomou das minhas, conchegou-me ao seio, e sussurrou-me baixo ao ouvido: — Nunca, nunca, meu amor! Eu agradei-lho com os olhos úmidos. No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado (ASSIS, 2012, p. 47-48, grifo nosso).

Marcela, após uma encenação de não aceitar um colar e tentar atirá-lo à rua, “sorriu e ficou” com o colar. Pouco tempo depois, o relacionamento dos dois chega a um término. A esse respeito, o defunto autor pronuncia a frase já citada que deixa clara a verdadeira intenção da jovem: “amou-me por durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”.

Esse trecho é só um dos vários exemplos presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que mostra como é necessário prestar atenção a cada linha e ao contexto geral para compreender as ideias que estão sendo transmitidas. Ademais, nessa ação de camuflar as intenções, Machado é mestre em usar da ironia para provocar a participação do seu leitor.

Como já dito, Brás Cubas começa a contar sua história a partir de sua morte. E é justamente no dia de seu velório, no primeiro capítulo do livro, que o leitor já é presenteado com uma grande ironia.

O defunto autor diz que foi acompanhado ao cemitério por onze amigos:

Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. **Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste**, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo **que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado**” (ASSIS, 2012, grifo nosso).

O trecho segue a característica romântica de dar a elementos da natureza características humanas, por meio da figura de linguagem prosopopeia ou personificação. Dessa maneira, tem-se a possibilidade de fazer com que o termo mude para acompanhar as emoções das personagens. A chuva, fina, constante e tão triste leva a crer que o mundo chora pela perda do “ilustre finado” e, assim, o leitor acreditaria se, no próximo parágrafo, de modo simples e intencional, o defunto não dissesse as seguintes palavras: “Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei”. Ou seja, a declaração de pesar era uma retribuição pelo dinheiro que ganhou, não pelo carinho que sentia pelo morto.

É interessante como Machado de Assis constrói sua história interligando passagens e assuntos que lidos por um leitor desatento não fazem sentindo, delírios de um autor ou linhas desimportantes para as histórias, porém guardam um senso de humor inusitado. Exemplo disso é a seguinte passagem:

Ao cabo, era um lindo garçã, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o Romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o Realismo o veio achar, comido de lazeira e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros (MACHADO DE ASSIS, 2012).

Aqui, Brás Cubas descreve sua aparência no auge de seus dezessete anos, um meio termo entre menino e homem, lindo como um garçã (homem jovem ou mancebo). A sequência, ao incorporar corcel à descrição, menciona o Romantismo e o Realismo, destrinchando, em poucas palavras, o modo como o Realismo substituiu a idealização romântica.

A escola romântica retratava o herói, realçado pelo idealismo com características especiais que o diferenciavam das pessoas comuns. Entretanto, o herói não sobrevive no

mundo real, sendo necessário encontrar um sujeito mais realista e com o qual as pessoas possam se identificar como ocorre no Realismo.

Vários são os trechos de *Memórias Póstumas* que são compostos pela ironia, pelo humor e por lacunas. Ademais, a obra guarda outra característica intrínseca: a melancolia imbuída de pessimismo.

Seria estranho não esperar que a obra de um defunto tivesse uma pitada de saudosismo, de vontade de estar vivo com aqueles a quem ama e tem grande estima, de querer retroceder no tempo e mudar as coisas que fez e das quais se arrepende. A obra traz essa melancolia, mas não da forma esperada.

Brás Cubas é melancólico. Ele nasceu em berço de ouro, sempre teve tudo, jamais precisou trabalhar para sustentar-se, era egoísta, cheio de vontades, amante do luxo e das mordomias, contudo, jamais alcançou feitos gloriosos, ou feitos que valessem a pena comemorar, regozijar-se e se sentir orgulhoso. A falta de algo ganhado por seu próprio mérito, leva-o a um estado de espírito de apatia, a certeza de que em vida só angariou fracassos, aí reside a melancolia (LEAL; ABREU, 2019).

Logo no início da narrativa, o defunto autor já evoca a melancolia ao dizer: “[...] não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio”.

A empreitada de contar suas memórias permite que Brás Cubas reflita sobre sua vida, percebendo suas falhas, adquirindo, tardiamente, autoconhecimento, o que o leva a refletir sobre as misérias da condição humana. A busca por criar um emplastro contra a hipocondria é um dos sintomas da melancolia, não o remédio, mas a ideia fixa de criá-lo. Todavia, revela-se mais um dos fracassos do defunto autor e, em seu modo de pensar, o motivo que levou a sua morte.

No último capítulo da obra, intitulado “Das Negativas”, o autor sumariza sua vida contando todas as aspirações e resultados que não conseguiu realizar em vida, ou as situações difíceis da vida que não precisou enfrentar, para, por fim, perceber que havia algo de positivo em sua vida, “a derradeira negativa deste capítulo – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

Leal e Abreu (2019, p. 1) ressaltaram que

Talvez cause ao leitor certa estranheza o fato de o narrador alardear suas baixeiras e sua indignidade, sem demonstrar sentimento de vergonha ou arrependimento. A teoria psicanalítica de Freud justifica que, no melancólico, sobressai-se o desejo de comunicar ao mundo os próprios defeitos, como se, nesse rebaixamento, ele encontrasse um tipo de satisfação.

Desse modo, Machado de Assis escolheu que o narrador desta obra fosse melancólico, como mais um instrumento para criticar o ser humano, suas misérias e hipocrisias. O uso de uma personagem que se sente impelida a contar a todos os seus próprios defeitos sem sentir vergonha ou arrependimento corresponde a um modo de escancarar os defeitos humanos.

A melancolia e a passividade de Brás Cubas permitem que conte sua história, os erros e os fracassos, as misérias e as contradições. Tudo isso unido à escrita machadiana com sua ironia e suas camuflagens proporciona uma crítica sutil à sociedade da época e à miséria humana.

Último adendo à escrita machadiana é o uso da metalinguagem. No estudo das funções de linguagem, pode-se dizer que a metalinguagem é o uso da língua para falar dela mesma. Ao escrever o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis usa a linguagem como código e, ao ter Brás Cubas, personagem principal, como narrador da história e, dentro da obra, escritor de suas memórias, vale-se da escrita para explicar o processo de escrever um livro.

Considerações finais

É indubitável a tamanha contribuição de Machado de Assis para a construção da literatura brasileira. Suas obras vão muito além daquilo escrito, é necessário enxergar as entrelinhas, a época e as experiências do próprio autor. Há uma exigência ao leitor de que, muito mais do que uma leitura rápida e despreocupada, para entender Machado de Assis, é preciso pensar.

As obras machadianas estão carregadas de ironia, melancolia e ausência. O escritor tem o costume de levantar suspeitas acerca de alguns fatos, inclusive de acontecimentos importantes para a história e, ao cabo, ausenta-se, não dando ao leitor uma resposta concreta, mas sim deixa que ele imagine e tire suas próprias conclusões.

MUNIZ, Aline de Assis Rodrigues Amaral. **A ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS EM MEMÓRIAS DE PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.**

Ter como narrador um defunto autor em *Memórias Póstumas* é permitir o desenrolar da história de modo mais fluído e dar ao personagem uma autenticidade. Morto, Brás Cubas já não tem mais o que esconder, sua reputação, honra e moral, tão importantes para vida social do século XIX, já não mais importam no além-mundo.

Por fim, um defunto autor torna mais fácil criticar o modo de vida enfatizado da burguesia, a recém-classe alta, substituta da aristocracia, mas que ainda almejava o reconhecimento desta. A crítica social, tão presente na escola realista, está entremeada nas memórias de Brás Cubas, entretanto, requer uma percepção aguçada do leitor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos Literários*. São Paulo: Ática, 1985.

MOTTA, Giovana Caires. Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e o mundo das aparências. *Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/1015-ao-abrigo-da-dissimulacao-a-critica-machadiana-e-o-mundo-das-aparencias-giovana-caires-motta>. Acesso em: 5 nov. 2019.

NICOLA, José de. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1990.

LEAL, Luciana Brandão; ABREU, Alexandre Veloso. O legado de Brás Cubas: o príncipe melancólico. *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 161-180, Apr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212019000100161&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 nov. 2019.

Recebido em 08/05/2021

Aprovado em 08/07/2021